
SENNETT, Richard. Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record 1997. 362 p.

O centro de gravidade subjetiva migrou da alma para a consciência, quando o meio estratégico se ampliou da terra (tempo da escrita) para o mar (tempo da escrita + imprensa), enquanto projeção de potência. Hoje, acompanhando o dizer de Régis Debray, o centro de gravidade subjetiva está no corpo e o meio estratégico propaga-se no espaço (tempo do audiovisual).

Em **Carne e pedra**, é através da experiência corporal que Sennett reescreve a história da cidade, lugar do viver de parcela crescente de corpos humanos diferenciados - a população - mas também o lugar onde os investimentos de capital são maiores, sem respeito à dignidade de grande parte desses corpos humanos, forjando o principal lugar dos conflitos sociais e da crise da democracia.

Para se entender a cidade contemporânea, onde “o viajante, tanto quanto o telespectador vive uma experiência narcótica”; onde o corpo “se move passivamente, anestesiado pelo espaço, para destinos fragmentados e descontínuos”; onde a multidão se sente ameaçada pela presença de outros seres humanos que destoam de suas intenções, Sennett explora o abismo entre o passado e o presente.

Estudar algumas cidades em momentos específicos que tenham assinalado significativamente as relações entre as experiências corporais e os espaços vividos - eis o objetivo da obra. Assim, a primeira parada é feita em Atenas, visitando a nudez de seus habitantes, no tempo da Guerra do Peloponeso, símbolo da autoconfiança de um tempo vitorioso. A segunda, na Roma do Imperador Adriano, com a exploração da importância dada à perfeita geometria do corpo, que vai ser expressa no traçado das linhas urbanas e na dureza do poder imperial num confronto com o Cristianismo.

Outras paradas seguem: um encontro com os parisienses da Idade Média, possuidores de uma visão própria dos santuários da cidade e dos lugares em

que se praticava a caridade, visto tais espaços se constituírem num refúgio à agressividade da nova economia de mercado. Outro encontro acontece, agora no gueto judeu de Veneza (1516), resultado de um choque do medo de contato físico com os não-cristãos e não-europeus, atraídos pela órbita da economia urbana do continente. Finalmente, conhecendo a influência que exerceram sobre o espaço urbano os novos conhecimentos cientilico-anatômicos (entendimento do sistema circulatório), chega à Paris revolucionária, aí encontrando pessoas a circular livremente pela cidade.

O triunfo da liberdade individual de movimento, criando um dilema que ainda persiste - “cada corpo move-se à vontade, sem perceber a presença dos demais” - faz Sennett aportar na Londres imperial e na Nova Iorque industrial.

Os embarques e desembarques de Sennett pela história das cidades têm, no seu passaporte, o carimbo do cotidiano - a quinta dimensão do espaço, referido pelo geógrafo Milton Santos: “Como mulheres e homens se moviam, o que viam e o que ouviam, os odores que atingiam suas narinas, onde comiam, seus hábitos de vestir, de banhar-se e de que forma faziam amor”.

Richard Sennett, professor da Universidade de Nova Iorque, é casado com a geógrafa Saskia Sassen (“ávida companheira na aventura de nossas vidas”), fato que o leva a concluir que

a cidade tem sido um *locus* de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos, à imagem do próprio homem. Mas, também foi nelas que essas imagens se estilhaçaram, no contexto de agrupamentos de pessoas diferentes, fator de intensificação da complexidade social e que se apresentam umas às outras como estranhas. Todos esses aspectos da experiência urbana - diferença, complexidade, estranheza - sustentam a resistência à dominação. Essa geografia urbana, difícil e surpreendente, é que nos acena com uma promessa específica, baseada em valores morais, e pode abrigar os que se sentem como exilados do Paraíso.

Carne e pedra é uma homenagem a seu amigo Michel Foucault em face da morte, quando da aceitação do corpo sofrido - o seu próprio e os corpos pagãos a respeito dos quais escreveu nos últimos meses de vida. Por essa razão, Sennett muda o enfoque inicial de seus estudos (parceiro que tinha sido de

Foucault, nos últimos anos da década de setenta), que exploravam o corpo na sociedade através do prisma da sexualidade. Em **Carne e pedra**, a ênfase está na “passividade diante da dor tanto quanto nas promessas de prazer”.

O espaço urbano capitalista - fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas - é um produto social resultante de ações acumuladas, através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. O geógrafo Roberto Lobato Corrêa informa que “são agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato”, numa ação complexa com práticas estratégicas também complexas. Ai, **Carne e pedra**, viajando da Grécia antiga à moderna Nova Iorque, ganha contornos de leitura obrigatória, levando-nos a repensar as questões sociais e estéticas do nosso tempo, momento no qual o espaço dos “pobres” nasce bastardo, sem títulos e sem direitos, com “corpos que não se adequam ao paradigma”. Sennett, esgarçando o corpo e a cidade na civilização ocidental, revela como esses temas permanecem na nossa história, recolocados e reconstruídos, inquietantes e persistentes.

Poderes da voz e dos olhos, Movimentos do coração, Artérias e veias são os três capítulos de um livro realista e imaginativo, que rompe os limites entre as disciplinas acadêmicas, já que “jamais seremos capazes de captar a diferença alheia enquanto não reconhecermos nossa própria inaptidão”.

Maria Lúcia de Amorim Soares